

ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO PEDAGOGIA EMANCIPADORA E TRANSFORMADORA

SOLIDARITY ECONOMY AS AN EMANCIPATIONAL AND TRANSFORMATIVE PEDAGOGY

Castro¹

Caren Vanessa Pinheiro de

Maria José de Souza Barbosa²

Júlio César Suzuki³

Adebaro Alves dos Reis⁴

Antonio Jorge Paraense da Paixão⁵

Área Temática 02: Educação Profissional e Tecnológica, Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos

Modalidade: Artigo Científico

Resumo

A economia solidária, quando adotada como prática pedagógica na educação de jovens e adultos, revela-se uma estratégia significativa, para integrar teoria e prática, com foco na transformação social dos sujeitos envolvidos. Neste artigo, busca-se compreender como os princípios da economia solidária podem constituir uma práxis pedagógica emancipadora. A análise fundamenta-se em referências como Gadotti (2009), Singer (2005), Freire (1980), Kruppa (2005), Arruda (2005), entre outros, que contribuem para uma compreensão mais ampla do tema, e procurou-se fazer um diálogo a partir das experiências realizadas no campo da educação. A investigação permitiu inferir que a economia solidária, ao ser integrada aos saberes e experiências dos educandos, especialmente, no contexto da EJA, pode favorecer o desenvolvimento pessoal, comunitário e social, fortalecendo uma educação crítica e transformadora.

Palavras-Chave: Economia Solidária, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Pedagogia Emancipadora, Transformação Social.

Abstract

Solidarity economy, when adopted as a pedagogical practice in youth and adult education, proves to be a significant strategy for integrating theory and practice, with a focus on the social transformation of the individuals involved. This article seeks to understand how the principles of solidarity economy can

¹ Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal; vanessapinheiroc@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares – PPDGEA, IFPA Campus Castanhal; mjsb.ufpa@gmail.com

³ Professor dos Programas de Pós-graduação em Integração da América Latina (USP) e Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares – PPDGEA, IFPA Campus Castanhal; jcsuzuki@usp.br

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares – PPDGEA, IFPA Campus Castanhal; adebaro.reis@ifpa.edu.br

⁵ Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares – PPDGEA, IFPA Campus Castanhal; antonio.paraense@ifpa.edu.br

constitute an emancipatory pedagogical praxis. The analysis is based on references such as Gadotti (2009), Singer (2005), Freire (1980), Kruppa (2005), Arruda (2005), among others, which contribute to a broader understanding of the topic. The study aims to establish a dialogue based on experiences carried out in the field of education. The investigation allowed us to infer that solidarity economy, when integrated with the knowledge and experiences of learners especially in the context of Youth and Adult Education (YAE) can foster personal, community, and social development, strengthening a critical and transformative education.

Keywords: Solidarity Economy, Youth and Adult Education (YAE), Emancipatory Pedagogy, Social Transformation.

1. Introdução

A Economia Solidária é concebida neste artigo como um ponto de partida valioso para refletir sobre a educação de jovens e adultos (EJA), particularmente por se constituir como uma prática transformadora, conectada à realidade concreta desses sujeitos. Em (Arruda, 2005) é possível verificar que os jovens e adultos trabalhadores, que ficaram limitados a ocupações informais ou ao subemprego, devido à baixa escolarização, muitas vezes, são os primeiros a serem demitidos, quando as empresas cortam custos.

Enquanto (Mello, 2005) explica que trabalhadores alienados, no trabalho, enfrentam um futuro muitas vezes sem perspectivas, na medida em que estão desprovidos de um projeto de vida que lhes dê sentido, uma realidade que não pode ser ignorada pelos educadores, especialmente, quando há desempregados em classe, muitas vezes, estes são considerados como sujeitos sem história, portanto, invisíveis, uma realidade que vai além de uma questão meramente econômica; o reconhecimento desses indivíduos, em suas dimensões social, cultural, econômica e psicológica precisa estar no eixo da educação, pois muitos se tornam desumanizados, tendo suas experiências, dores e sonhos negligenciados pelas estruturas sociais de promoção ou mesmo de proteção social, que deveriam acolhê-los.

Na educação de jovens e adultos, o trabalhador não pode parar de trabalhar para se dedicar apenas aos estudos, assim é preciso intercalar estudo e práticas do cotidiano do trabalho, ou seja, a alternância entre o mundo da vida e o mundo do trabalho se constitui como fundamento da proposta pedagógica para esse público. Assim, a metodologia da alternância pedagógica, além de promover o desenvolvimento da consciência crítica e contribuir para organização da comunidade, existe um outro desafio, isto é, integrar esses dois mundos nos processos formativos (Gadotti, 2009).

No contexto de exclusão e vulnerabilidade, a EJA surge como oportunidade de acesso a formação e reconstrução de seus projetos de vida, ao possibilitar uma alternativa para a construção de uma sociedade com menos desigualdades.

A economia solidária ao longo do tempo vem se desenvolvendo e se fortalecendo, como uma atividade que tem ganhado força ao se apresentar como alternativa, diante das limitações e desigualdades imposta pelas condições de vida no modo capitalista. Nesse sentido, a economia solidária surge como estratégia educativa potente, para romper com práticas individualistas e competitivas desse mercado (Gadotti, 2009).

Além disso, (Gadotti, 2009) aponta que a economia solidária envolve pessoas comprometidas com um mundo mais solidário, ético e sustentável e, por isso, a economia solidária está estreitamente ligada à educação transformadora e à democracia econômica.

Nessa mesma perspectiva Arroyo (2006, p.53) destaca que "...o projeto proposto pela economia popular e solidária tem entre seus principais fundamentos o desafio de estruturar uma economia que se alimente da inclusão social e da distribuição de renda". O autor aponta que não basta apenas a democracia política, é preciso caminhar na direção da democracia econômica, onde todos participam das decisões econômicas e podem se beneficiar delas, e assim trazer soluções definitivas aos problemas sociais.

Desta forma, a economia solidária ao priorizar valores como a cooperação, autogestão, democracia e a justiça social, essa proposta de econômica, ao se integrar com a educação popular e EJA, pode promover uma pedagogia emancipadora, que reconhece os sujeitos como protagonistas de seus processos de aprendizagem e transformação. Inspirando-se na pedagogia freireana, Gadotti propõe que a educação precisa estar voltada à leitura do mundo tendo como eixo a transformação societal.

Ao envolver-se em práticas econômicas solidárias, os educandos não apenas aprendem conteúdos formais, mas também constroem conhecimentos vinculados à sua experiência de vida, ao trabalho coletivo, à cultura local e à sustentabilidade ambiental. Portanto, na construção deste artigo, teve-se como referências autores que tem contribuído para a construção da economia solidária enquanto prática pedagógica, entendendo que a compreensão do tema é importante para ressignificar o ato pedagógico.

Assim, a educação precisa estar em sinergia com a economia solidária, sobretudo, no ensino-aprendizagem de populações historicamente excluídas, como os trabalhadores do campo, das periferias ou de comunidades tradicionais, especialmente, na educação de jovens e adultos. Trata-se de refletir uma práxis pedagógica sob articulação entre ensino, aprendizado, ação e reflexão crítica sobre a realidade, como procura-se destacar nos subtópicos deste artigo ensaístico.

1.1. Economia solidária como resistência às desigualdades e exploração do capitalismo

Ao se tratar da Economia Solidária é possível refletir sobre o conceito e o que esta se propõe, ao unir economia à solidariedade, uma integração que parte da prática social dos sujeitos envolvidos, em que o bem viver das populações junto as organizações de trabalho e geração de renda passam a ser uma ação educativa que visa a cooperação, ajuda mútua e reciprocidade.

Para (Gadotti, 2009), a gestão solidária prioriza trabalho em equipe e colaborativo, valoriza benefícios coletivos e por isso se opõe à gestão capitalista, por estar preocupada com a melhoria e qualidade de vida dos associados e o fortalecimento dos empreendimentos econômicos. Enquanto Arruda (2005, p. 34) pensa que a “... Economia Solidária desconstrói esse conceito de trabalho e promove o trabalho humano como ser, saber, criar e fazer, ou como toda ação transformadora do mundo da natureza em mundo humano, ou ainda como toda ação em que, ao transformar o mundo, o ser humano constrói a si mesmo”.

Nessa perspectiva, (Arruda, 2005) entende que a economia solidária possibilita a libertação do trabalho, de sua condição de mercadoria, ou seja, apenas como compra e venda, na lógica de mercado, para a sobrevivência material das pessoas. Ao propor a emancipação do trabalho o autor defende que ele não seja limitado a perspectiva econômicas de sobrevivência,

mas que seja entendido como uma atividade com valor humano, social e criativo, desvinculada da lógica de exploração do capital.

Por se constituir pela participação democrática e coletiva de todos os envolvidos nas tomadas de decisões, a economia solidária baseia-se na autogestão, como aponta (Gadotti, 2009), ao explicar que para alcançar essas práticas, é necessária à economia solidária mudanças que vão além dos aspectos voltados ao ganho econômico, visando promover transformações culturais, como valores e princípios que levem às pessoas a refletirem sobre o que é, de fato, sustentável, como as dimensões culturais na prática solidária, a fim de garantir melhor desempenho econômico associada ao bem viver.

Nesse sentido, a economia solidária se contrapõe às práticas do capitalismo, pois interessa aos capitalistas, a extração de lucros via exploração do trabalho, pelos donos de empresas, diante desse modo as relações de cooperação na produção são despóticas e autoritárias, pois os trabalhadores são levados a vender suas capacidades de trabalho, aos capitalistas sob processos de exploração e de desigualdades sociais, afirma (Singer, 2005).

Na "Economia Solidária é impossível a divisão da sociedade em uma classe proprietária dominante e uma classe sem propriedade subalterna" (Singer, 2005, p. 14). Nesse sentido, o autor frisa que, na empresa solidária, todos que ali exercem seu trabalho, são donos, logo há igualdade para o trabalho que todos podem participar das tomadas de decisões essenciais para a empresa, pois os proprietários são os que trabalham nos empreendimentos.

Para (Singer, 2005), nessa prática solidária é necessária uma reeducação que leve os trabalhadores a compreenderem que embora vivam subsumidos ao mundo capitalista, onde os valores centrais são a competição, o individualismo e o lucro predomina, a reeducação baseada na prática pedagógica da economia solidária torna-se desafiadora, visto que a produção precisa ser coletiva, para que ocorra transição do modo competitivo para o cooperativo, com produção e distribuição de forma efetiva.

Portanto, essa transformação para que seja real, o aprendizado precisa ultrapassar a teoria e enraizar-se como prática social e coletiva dos trabalhadores associados, uma práxis de valorização do saber do outro, a fim de promover o relacionamento cooperativo, recíproco e assim torna-se hegemônico, enquanto resultados das transformações vivenciadas por todos. Nesse contexto torna-se fundamental refletir sobre os fundamentos pedagógicos que sustentam

tais práticas, como se busca discutir no próximo tópico, ou seja, a economia solidária a partir de uma pedagogia emancipatória e libertadora.

1.2 Economia solidária a partir de uma pedagogia emancipatória e libertadora de jovens e adultos

A construção de uma sociedade mais equitativa e solidária exige mudanças profundas nas relações de poder e na forma como as pessoas se reconhecem no mundo. Nesse sentido, o papel da educação libertadora é promover a autonomia, a participação e a consciência crítica dos sujeitos, pois "conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeitos e somente enquanto sujeitos, que o homem pode realmente conhecer (Freire, 1980, p. 27)".

Arruda (2005, p. 31) destaca que a "Educação de Jovens e Adultos (EJA) é coisa de países pobres ou empobrecidos. Ela existe porque existem excluídos, porque existem crianças cujo direito à educação foi negado pela própria condição de terem que usar sua infância para trabalhar".

Inspirada nas ideias de Gadotti, entende-se a economia solidária para além do modo de produção capitalista, portanto uma prática social que embora esteja no cerno do capitalismo, Gadotti (2009, p. 48) destaca que ela visa "... empoderar as pessoas pela dissolução do poder nelas, em todos e todas. Por isso, a educação é essencial para o avanço da economia solidária". Empoderar não é ter mais 'poder individual, mas reinventar o poder, conquistar mais autonomia, 'ser mais', como dizia Paulo Freire.

A partir da ideia de Freire, compreende-se que a educação pode ser um caminho para que as pessoas possam despertar coletivamente para a consciência crítica, para serem mais autônomas, com capacidade de agir no mundo de forma libertadora e participativa na transformação da realidade, assim como Singer (2005, p. 19) destaca a economia solidária como uma forma de promover a aprendizagem dos sujeitos e diz: "A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo desta prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais precedem sua prática".

Na concepção de (Singer, 2005), aqueles que estão em ambientes onde prevalece a Economia Solidária, vivem e aprendem, desde cedo, a ajuda mútua e passam a compreender que a desigualdade social e econômica são formas injustas que não podem ser normalizadas, ou seja, essa realidade só pode mudar através da união e da solidariedade entre as pessoas.

Diante desse cenário, (Singer, 2005) ressalta que trabalhadores, pequenos produtores e os pobres em geral, quando sentem a necessidade de realizar alguma atividade econômica, de forma autônoma e coletiva, se aproximam dos princípios da Economia Solidária. No entanto, por estarem em posição subalternizadas e sob forma de trabalho alienadas, sem poder de decisão, não estão preparados para gerir coletivamente, por essa razão precisam ser ensinados.

A educação, nesse contexto, é essencial na medida em que esses sujeitos necessitam de formação a fim de pensarem e agirem de modo que a Economia Solidária se constituía como prática pedagógica, para que possam atuar com autonomia, consciência e com capacidade de autogestão.

Para que o processo pedagógico da economia solidária se concretize da forma desejada e se construa como superação da opressão e da exploração destaca-se os ensinamentos de Freire: "Ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos juntos". O que é corroborado por Singer (2005, p. 19), ao afirmar que esse pensamento freiriano "... se aplica inteiramente à Economia Solidária, enquanto ato pedagógico. Docentes e discentes são igualmente inexperientes. Os primeiros possuem conhecimentos teóricos, os segundos o saber que se adquire por tentativa e erro na prática", uma ação pedagógica em que o aprendizado acontece na interação com os outros, através de um diálogo e no trabalho compartilhado voluntariamente, sem um padrão para explorá-los.

Ao inserir nos currículos, princípios como o modo de vida sustentável, bem viver, solidariedade, trabalho em equipe, autogestão, autonomia, empoderamento e igualdade integrados à educação popular, aos saberes e experiências de vida dos educandos, cria-se de fato uma possibilidade de construir uma pedagogia emancipatória e libertadora. A principal relevância social desta concepção pedagógica, portanto, é promover uma formação integral, crítica e cidadã, que respeita a realidade desses sujeitos e os fortalece como agentes ativos na transformação de suas próprias vidas e comunidades.

Nesse sentido, repensar o currículo torna-se essencial, pois ele é o espaço onde essas propostas ganham forma e significado. A relação entre escola e sociedade envolve múltiplas perspectivas e fatores, como saberes, experiências, culturas, diversidade e as identidades dos sujeitos. Esses elementos reconfiguram o território dos currículos, o que torna o foco no currículo essencial. É por meio dele que se organiza o que será ensinado e como será ensinado. No sistema escolar, o currículo ocupa uma posição central e estruturante. Nesse contexto, ele

também se revela um espaço profundamente político, onde ocorrem debates e disputas porém, é nesse território que emergem inovações e ressignificações, fazendo do currículo não apenas um instrumento de controle, mas também de transformação social (Arroyo, 2014).

Ao refletir o caráter educativo da economia solidária no contexto curricular, destaca-se a concepção de Gadotti (2009, p. 35) sobre a "...economia solidária, como uma forma cooperativa e não competitiva de produzir e reproduzir nossa existência, tem um componente educativo extraordinário". Ele destaca, que não se trata apenas de oferecer cursos e conteúdos, mas de construir valores e uma cultura, juntos, o que Arruda (2005, p. 37) concorda ao pensar que a "Economia Solidária promove a educação não como fim em si, mas como via de empoderamento dos educandos para tornarem-se gestores competentes dos seus empreendimentos cooperativos e sujeitos do seu próprio desenvolvimento pessoal, comunitário e social".

Dessa forma, para que os valores solidários sejam construídos desde a infância ou juventude é fundamental que sejam vividos desde cedo e, para isso, é preciso um processo educativo mais profundo, onde as práticas solidárias estejam presentes em currículos escolares. Como destaca Gadotti (2009, p. 33) as "... práticas de economia solidária envolvem uma mudança cultural que só a formação pode estabelecer".

As discussões apresentadas ao longo deste texto revelam que propostas pedagógicas baseadas na economia solidária se constituem como alternativas concretas e transformadoras no processo de ensino-aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos. Diante das desigualdades sociais, das crises no mundo do trabalho e das dificuldades cotidianas, enfrentadas por grande parte dos educandos, essa abordagem se mostra profundamente relevante.

Nesse sentido, é por meio de uma formação educacional crítica e libertadora, a fim de potencializar a consciência crítica e desveladora da exploração capitalista, que permita que os educandos reflitam e ajam no mundo, questionando e lutando para a superação das desigualdades socioeconômicas e culturais. A construção de novas práticas sociais, baseadas na solidariedade emancipatória é contemplada na ideia de Singer (2005, p. 19) ao afirmar que "a economia solidária é um ato pedagógico", reforçado pela posição de Gadotti (2009, p. 36) ao enfatizar " a necessidade de construir uma pedagogia da economia solidária".

2. Metodologia

Neste artigo, procura-se por meio da revisão bibliográfica, discutir a economia solidária enquanto prática pedagógica emancipadora e transformadora. Para isso, realizou-se uma sistematização sob a fundamentação apoiada nos pensadores como Gadotti (2009), Singer (2005), Freire (1980), Kruppa (2005) e Arruda (2005), entre outros pesquisadores que oferecem subsídios para um entendimento mais amplo da temática.

Esse procedimento teórico-metodológico permitiu-nos abordar e analisar os conhecimentos dos autores selecionados, sobre a temática abordada, destacando a relação entre a economia solidária e a práxis pedagógica, compreendidas como um processo de construção coletiva do conhecimento, com significado social e potencial de transformação da realidade.

Nessa construção metodológica foram desenvolvidas diversas etapas, como a definição do tema de pesquisa, a formulação das perguntas norteadoras, a seleção dos autores e as fontes relevantes, bem como, a avaliação crítica dos autores, visando produzir uma síntese capaz de criar uma unidade coerente, a qual foi possibilitada pelo exame acurado da leitura selecionada e, ao mesmo tempo, a análise e interpretação à luz da experiência de educadores, sob uma prática de diálogo aberto à compreensão dos pensamentos dos autores, um aprendizado que favoreceu a elaboração do presente artigo.

3. Resultados/Discussões

3.1. Uma construção integrada entre saber, educação e princípios da economia solidária

A economia solidária propõe uma concepção de educação, voltada para a valorização da experiência, dos saberes populares e da construção coletiva do conhecimento, por se constituir como uma prática que reconhece o ser humano como sujeito capaz de transformar sua realidade e o meio em que vive através dos princípios aprendidos. A integração dessa proposta à EJA revela-se relevante, uma vez que, como destaca (Arroyo, 2006) ao considerar as histórias de vida, experiências específicas e vivências de jovens e adultos que enfrentam situações de opressão e exclusão, torna-se possível construir um futuro mais promissor, libertador e emancipatório para esses sujeitos.

De acordo com o (Grupo de Trabalho, 2003) sobre a economia solidária, pode-se perceber que esta surgiu como uma ação relacionada aos movimentos de lutas das camadas socialmente excluídas, portanto, no seio da classe trabalhadora, ao tomar consciência da

exploração, isto é, de que seus trabalhos não lhes resultava em condições de vida dignas, mas somente ao capitalista, que os empregava e os alienava do resultado de seus trabalhos.

O produto de seus trabalhos pertencia ao capitalista, que detinha os meios de produção e a eles cabia a valorização dada pelo exercício de sua força de trabalho em operação da transformação da matéria em outro produto, com o valor agregado, decorrente dessa operação (Eid; Barbosa, 2018).

Nesse cenário, as populações trabalhadoras passaram a se juntar com ativistas e defensores da economia solidária, que impulsionam o desejo e a construção de um novo modelo de organização econômica e social destaca o (Grupo de Trabalho, 2003). Diferentemente do sistema capitalista, que os impunha formas vis de trabalho, e os fazia enfrentar jornadas cada vez mais escorchantes e que lhes trazia dificuldades de acesso aos recursos necessários a vida digna deles e de suas famílias.

Em constraste, (Kruppa, 2005) aponta que no contexto do sistema capitalista, a educação é voltada principalmente para a capacitação do ser humano, com foco na eficiência e produtividade, a fim de que os trabalhadores possam ser vistos apenas como recursos produtivos a serviço do mercado, apenas pela mercadoria representada por sua força de trabalho colocada a serviço do capital.

Sua formação, portanto, é moldada por um sistema de competências, que classifica as pessoas como aptas ou inaptas para determinadas funções, portanto, há uma estratificação em determinadas categorias sociais, sendo que as classes populares são limitadas e adestradas para o exercício do trabalho árduo e penoso, desconsiderando, portanto, sua formação integral, destituindo-os de uma valorização enquanto sujeito, na sua totalidade físico-psíquica, restando-lhes a capacitação ao trabalho simples, com baixa remuneração, correspondente a prática desenvolvida.

Nesse sentido, (Kruppa, 2005) critica essa concepção e aponta que se está diante de uma educação que naturaliza a desigualdade, que justifica as diferenças, com base na capacidade e esforço individual, a fim de favorecer os que detém meios de produção, os quais exercem o controle do processo de produção e que usufruem dos resultados do trabalho alienado. Assim, as escolas profissionalizantes ou não acabam funcionando apenas na competição, priorizando o individualismo, segmentando áreas profissionais e reforçando as segregações sociais existentes.

Na contraface desta modalidade de educação, a economia solidária, entendida como prática pedagógica, assume um papel importante, não apenas técnico, mas formativo em um sentido mais amplo, para além da lógica do mercado. O que para Gadotti (2009, p. 24) revela-se como uma prática pedagógica em outra dimensão, pois a “...economia solidária envolve pessoas comprometidas com um mundo mais solidário, ético e sustentável. Por isso a economia solidária está estreitamente ligada à educação transformadora e à democracia econômica”.

Em (Gadotti, 2009) a economia solidária se mostra como uma proposta promissora, portanto, em uma perspectiva de prática educativa, por ser uma economia que busca a transformação pelo trabalho desalienado, pelo fato de complementar o conjunto das funções da produção à circulação e à distribuição dos resultados. Trata-se uma ação emancipadora que se desenvolve de forma contínua, em face do aprendizado em termos de seus valores e princípios capazes de gerar mudanças no cotidiano, devido a forma como se aprende e apreende o trabalho coletivo e autogestionário. Nesta concepção, ocorre a superação da exploração do homem pelo homem e, portanto, do trabalho alienado, um aprendizado novo, tornando-se mais sustentável e cooperativo, além de contribuir para reflexão quanto ao modo de viver em sociedade, para reconstrução de uma vida mais justa e sustentável.

4. Considerações Finais

As reflexões a cerca da formação escolar desenvolvidas neste artigo ensaístico evidenciam a importância de se pensar em uma pedagogia que integre princípios da economia solidária aos saberes dos sujeitos, especialmente, na perspectiva da educação de jovens e adultos. Após a sistematização integradora entre educação e economia solidária, como prática pedagógica, amplia-se o potencial da escola como espaço de construção de cidadania, fortalecimento da autonomia e do engajamento coletivo. Essa proposta rompe com a lógica bancária da educação e direciona a escola para um lugar de reflexão e prática de uma nova forma de organização social e pedagógica.

Na prática, a pedagogia imanente a economia solidária se concretiza na medida em que os sujeitos são colocados a refletir sobre suas condições de trabalho coletivo e autogestionários, enquanto promoção de uma educação libertadora, emancipadora e transformadora, tão necessárias a ações de formação intencionais e integrativas do mundo da vida e do mundo do

trabalho. Destaca-se, para isso, a construção de um currículo que dialogue com a realidade dos educandos, incorporando a economia solidária como tema transversal a fim de valorizar seus princípios, como solidariedade, autogestão, justiça social e o bem viver.

É fundamental, nesta perspectiva, adotar abordagens metodológicas participativas e dialógicas, que incentivem a construção do saber a partir da escuta atenta, do diálogo e do compartilhamento das experiências de vida dos educandos, a fim de promover momentos de reflexão crítica, sobre suas realidades. Isso possibilita a criação de um ambiente educativo capaz de reconhecer os educandos como sujeitos de direitos e protagonistas de suas trajetórias.

Além disso, é essencial promover uma educação associada a práticas pedagógicas autogestionárias, visando o exercício concreto de autonomia e cooperação no âmbito da sala, a fim de que os jovens e os adultos possam, de forma coletiva, tomar decisões e buscar soluções solidárias, para os desafios que enfrentam.

Essa proposta pedagógica contribui para o rompimento com modelos hierárquicos de ensino, favorecendo uma abordagem baseada no diálogo e na construção do conhecimento a partir da horizontalidade nas relações entre educadores e educandos. Dessa forma, é possível consolidar uma pedagogia verdadeiramente emancipadora, viável e necessária, que contribua para superação de desigualdades históricas, desenvolvimento pessoal e para o fortalecimento de vínculos comunitários e formas cooperativas e coletivas de organização da vida junto a elementos de produção, trabalho e educação.

5. Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel. **Formar educadoras e educadores de jovens e adultos.** Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-32, 2006.

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa.** Editora Vozes Limitada, 2014.

ARROYO, J. C. T.; SCHUCH, F. C. **Economia popular e solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

ARRUDA, M. **"Redes, educação e Economia Solidária: novas formas de pensar a educação de jovens e adultos."** Economia solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: Inep (2005): 31-40.

EID, F.; BARBOSA, M. J. de S. Revolução educacional em **Makarenko e influência na América Latina**. In: Fabiane S. Previtali; Cilson C. Fugiani; Carlos A. Lucena; Antonio B. de Lima. (Org.). Desafios do trabalho no século XXI: os 100 anos da Revolução Russa. 1ed. Uberlândia: Editora Navegando, 2018, v. 1, p. 85-103.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro. 5. ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GADOTTI, M. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

MELLO, S. L. D. **Saber e fazer, fazer e aprender: escola itinerante, política pública e Economia Solidária**. Economia solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: Inep, p. 46-53, 2005.

SINGER, P. **A economia solidária como ato pedagógico**. In: Kruppa, Sonia M. Portella (org.). Economia solidária e educação de jovens e de adultos. Brasília: Inep/MEC, p. 15-20, 2005.

KRUPPA, S. M. P. (org.). **Uma outra economia pode acontecer na educação: para além da Teoria do Capital Humano**. Brasília: Inep/MEC, 2005.

GRUPO DE TRABALHO de Economia Solidária. **Economia solidária, fundamento de uma globalização humanizadora**. In: LOUREIRO, Isabel; Leite, José Corrêa; Cevasco, Maria Elisa (orgs.). O espírito de Porto Alegre. São Paulo: Paz e Terra, 2003.